

A OBSESSÃO

Raul Pilla

2.10.57

É ESTRANHO que, por causa do caudilhismo ora imperante, se esteja a temer, entre nós, a instauração do sistema parlamentar de governo. Se o poder pessoal é a maior chaga da nossa vida política e o presidencialismo corresponde, por assim dizer, à sua sistematização jurídica, como re-crear que o parlamentarismo, sua mais completa antítese, seu verdadeiro antidoto, o possa, de qualquer forma favorecer? Tudo se poderia alegar contra a reforma, menos isto.

Estamos, porém, sob o império de uma obsessão e, por mais que me desagrade personalizar, direi que é a obsessão de Getúlio Vargas. Deposto, mais incompletamente deposto, porque nunca se desfazem inteiramente certas cumplididades, o antigo ditador, elegeu-se senador. E, decorridos, cinco anos de inadaptação ao regime representativo, guindou-se êle, de novo, à presidência da República, graças unicamente ao voto popular direto. Estava eleito, embora o fôsse por maioria relativa; e, mais do que eleito, achava-se praticamente investido pelas virtualidades do regime, no domínio de tôda a vida nacional. Dentro de dois anos, terminará o seu mandato. Mas isto, ao invés de tranquilizar-nos, perturba-nos grandemente, porque o estamos vendo manobrar para conservar o seu poder, quer suprimindo a própria inelegibilidade, quer fazendo-se suceder por pessoa de sua confiança, quer, mais simplesmente, e por certo mais difficilmente, mantendo-se pela fôrça, contra a Constituição.

Excluamos, desde logo, a última hipótese, pois se poderia verificar com qualquer regime. Nenhum se deve considerar imune a tais accidentes, embora uns predisponham mais do que outros. Feita a reforma, nenhum sentido teria a luta pela permanência no poder, o qual deixaria de o ser verdadeiramente e se tornaria incerto, precário, aleatório. Se hoje uma maioria parlamentar entregasse a chefia do gabinete ao sr. Getúlio Vargas, amanhã outra, senão a mesma maioria, a poderia retirar. Não é preciso conhecer profundamente a psicologia do antigo ditador, para perceber que tal jôgo não o interessaria. Ele já estêve na oposição, estêve no ostracismo, pois tal foi o período (êste realmente curto) compreendido entre a deposição e a eleição à senatória, mas nunca ninguém lhe ouviu uma só palavra de simpatia pela reforma parlamentarista, que então se tentava. O mínimo de mando que êle concebe, mas não o contenta, é o que o sistema presidencial confere.

Portanto, excluída a hipótese do golpe, pretende sempre mas cada vez mais remota, a reforma parlamentarista, se imediatamente adotada, teria o condão de desinteressar da luta pelo poder ao sr. Getúlio Vargas e quantos, com maiores ou menores títulos, almejam suceder-lhe. E, só por isto, passaria o país a viver mais tranquilo.